

**Geopônicas 15.2: introdução e tradução**

Liebert de Abreu Muniz  
UFERSA, Campus Caraúbas/RN  
liebertmuniz@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente texto propõe uma introdução com explicações gerais sobre a coletânea técnica do período bizantino, *Geopônicas*, acompanhada de uma tradução para o português da seção 15.2. A obra, que data de meados do séc. X d.C., foi dedicada a Constantino VII Porfirogeneto, imperador bizantino nascido em 906 e morto em 959, e se inseriu, à época, na nova abordagem histórica de fazer compilações enciclopédicas de saberes do mundo antigo. A coletânea foi composta por 20 livros de teor técnico e versavam sobre as muitas facetas dos trabalhos do campo. A seção 15.2 abriga um dos poucos registros detalhados da *bugonia*, o procedimento de geração de abelhas a partir de um boi morto. O procedimento é parte do arcabouço cultural e folclórico da cultura clássica, e o texto ora traduzido para o português adquire importância por, ao lado das *Geórgicas* 4 de Virgílio, oferecer uma descrição detalhada do procedimento.

**Palavras-chave:** *Geopônicas*; *bugonia*; período bizantino; literatura técnica.

**Geoponica 15.2: introduction and translation**

**ABSTRACT:** This paper proposes an introduction with general explanations about the technical collection from the Byzantine period, *Geoponica*, followed by a translation of section 15.2 into Portuguese. The work, which dates from the mid-10<sup>th</sup> century, was dedicated to Constantine VII Porphyrogenetus, Byzantine emperor born in 906 and died in 959, and was inserted, at the time, in the new historical approach of Antiquity to make encyclopaedic compilations of knowledge of the ancient world. The collection consisted of 20 books of technical content and dealt with the many facets of work in the fields. Section 15.2 contains one of the few detailed records of *bougonia*, the procedure for generating bees from a dead ox. The procedure is part of the cultural and folkloric framework of classical culture, and the text now translated into Portuguese acquires importance because, together with Virgil's *Georgics* 4, it offers a detailed description of the procedure.

**Keywords:** *Geoponica*; *bougonia*; Byzantine period; technical literature.

## Introdução

As *Geopônicas* foram provavelmente compiladas entre 944 e 959 de nossa era. O título em grego mais conhecido do tratado é Γεωπονικά, numa tradução dos elementos formadores do título (γη, terra, + πόνος, fadiga, pena, trabalho): “os árduos trabalhos do campo” (a língua grega registra o substantivo γεωπόνος para “lavrador, agricultor”). Outro título presente nos manuscritos supérstites: αἱ περὶ γεωργίας ἐκλογαί – numa tradução livre, *As seleções sobre os trabalhos do campo* –, um título mais fiel ao traço marcante do texto, qual seja: trata-se de uma compilação de preceitos agrícolas de autores diversos no tempo. Mais de 30 autores figuram como partícipes ou fontes das *Geopônicas*: Júlio Africano, Anatólio, Apsirto, Apuleio, Arato, Aristóteles, Berítio, Cassiano Basso,<sup>1</sup> Damogerão, Demócrito, Dídimos de Alexandria, Cássio Dionísio, Diófanes da Bitínia, Filóstrato, Florentino, Fronto, Hierocles, Hipócrates, Juba, Leontino, Nestor, Opiano, Pânfilo, Paxamos, Pelagônio, Ptolomeu de Alexandria, Pitágoras, os irmãos Quintílios,<sup>2</sup> Sotião, Tarentino, Teomnesto, Varrão, Vindaniônio (ou Vindânio), Xenofonte e Zoroastro.<sup>3</sup>

Do ponto de vista textual, muitas das menções a esses autores geram dúvidas quanto à autenticidade, o que torna as *Geopônicas* um desafio à crítica textual. Do ponto de vista prático, preceitos diversos são problemáticos quanto à aplicabilidade, como as seções do Livro 16 que versam sobre a hipiatria; as seções do Livro 10 sobre a fruticultura; outrossim, a parte sobre a *bugonia* na seção 2 do Livro 15, que exploraremos à frente. Apesar das imprecisões, algumas informações parecem aplicáveis e, decerto, são constitutivas de uma espécie de cultura campesina antiga e tradicional de determinadas regiões. Isso ocorre, por exemplo, com as detalhadas informações nos Livros 4 e 5, que parecem remontar a Diófanes e que apontam para um conhecimento mais preciso da viticultura na Bitínia. Trechos sobre a cultura da oliveira no Livro 9 chamam a atenção; e uma descrição de estufas no Livro 10, seção 7, para a cultivo da cidra, método ainda se encontram no norte da Itália.

<sup>1</sup> A quem equivocadamente se atribui a organização do tratado, Κασσιάνου Βάσσου Σχολαστικοῦ περὶ γεωργίας ἐκλογαί (*Geoponicasiue Cassiani Bassi Scholastici de Re Rustica eclogae*). Sobre ele, sabemos que viveu no séc. VI d.C. Logo, ele não pode ser editor das *Geopônicas*, mas autor das αἱ περὶ γεωργίας ἐκλογαί. Cf. PAULY; WISSOWA, 1910, 2, 1667-1668.

<sup>2</sup> Os irmãos Quintílios, originários da colônia romana de Alexandria de Tróade, Quintílio Condiano e Quintílio Valério. Sob influência de Nerva, o pai dos Quintílios ocupou importantes funções públicas. Os irmãos foram cônsules em 172 e 180 d.C. A família, no entanto, em 183, foi perseguida e vitimada pelo imperador Cômodo e teve suas terras confiscadas em 183 d.C. (cf. o verbete “Quintilli Brothers” por Anthony R. Birley no  *OCD* (HORNBLLOWER; SPAWFORTH; EIDINOW, 2012)).

<sup>3</sup> Não parece haver consenso quanto aos nomes dos autores presentes nas *Geopônicas*, cf. CASSIANUS, 1805, p. iii-x e PAULY; WISSOWA, 1910, 7.1, p. 1221-1222.

Em panorama geral, a coletânea de excertos é dividida em 20 livros, financiados por Constantino VII Porfirogeneto e dedicados a ele, o imperador bizantino nascido em 906 d.C. e morto em 959 d.C., filho de Leão VI (morto em 912 d.C.). Constantino ascendeu ao poder após ficar sob a regência de outros; tornou-se conhecido como uma espécie de patrono da erudição, mormente pelo interesse em uma nova abordagem histórica da Antiguidade, a saber, de fazer compilações enciclopédicas de saberes do mundo antigo<sup>4</sup>.

Os livros – subdivididos em várias seções menores – se dedicam a temas técnicos diversos: Livro 1 versa sobre a meteorologia astrológica; Livro 2, sobre a agricultura; Livro 3, sobre o calendário agrícola; Livros 4-8, sobre a viticultura e o tratamento da vinha; Livro 9, sobre a cultura da oliveira; Livro 10, sobre as árvores frutíferas; Livro 11, sobre as plantas ornamentais; Livro 12, sobre as hortaliças; Livro 13, sobre fórmulas contra pragas; Livros 14-20, sobre a criação de animais: principalmente Livro 14 que versa sobre a avicultura; Livro 15, sobre as abelhas; Livro 16, sobre cavalos; Livro 17, sobre bovinos; Livro 18, sobre pequenos rebanhos; Livro 19, sobre os cães e a caça; Livro 20, sobre os peixes.

A seção 15.2 é uma descrição detalhada da *bugonia*, ou o nascimento de abelhas a partir de um boi morto. O fenômeno fazia parte do arcabouço cultural campesino antigo (MUNIZ, 2019, p. 18-9). Reconhece-se, como mencionado, que a *bugonia* foi problemática quanto à sua aplicabilidade, o que se sugere compor uma espécie de folclore popular dos antigos gregos e romanos que chegou até o período bizantino. Na literatura grega, menções literárias ao fenômeno ocorrem em Filetas de Cós (fr. 22, edição de Powell), em Calímaco (fr. 383.4, edição de Pfeiffer: CALLIMACHUS, 1949) e Nicandro (v. 741 da *Theriaca*, edição de Gow & Scholfield). É significativo também que não haja referência à *bugonia* no *corpus Aristotelicum*. Na prosa agrária latina, o fenômeno está rapidamente presente em Varrão, 2.5.5 e 3.16.4 e em Columela, 9.14.6; na poesia latina de temática campesina, se faz presente nas *Geórgicas* 4 de Virgílio, v. 284-314. Na Idade Média, se fez presente em Isidoro de Sevilha (*Etymologiarum siue Originum*, 11.4.3 e 12.8.1-3), na *Anthologia Palatina* (epigrama 7.36.3-4), no verbete βούπαις do Suda e nas *Geopônicas*. A passagem das *Geórgicas* 4 e a seção do tratado bizantino que ora se apresenta traduzida para o português são os textos mais detalhados da Antiguidade sobre a *bugonia*. O texto grego das *Geopônicas* é o estabelecido por H. Beckh para a editora Teubner: CASSIANUS. *Geoponica siue Cassiani Bassi Scholastici de re rustica eclogae*, 1994.

## 1. Texto grego

---

<sup>4</sup> Cf. [9] C. VII = Constantine VII Porphyrogenetus (CANCIK; SCHNEIDER, 2003-2010, Vol. 4, p. 722).

*Περὶ μελισσῶν, καὶ πῶς ἂν ἐκ βοῶς γένοιτο, ὃ καλεῖται βουγονή.  
Φλωρεντίνου.*

(1) Τὸ χωρίον, ἐν ᾧ ἔσονται αἱ μέλισσαι, τετράφθαι πρὸς χειμερινὰς ἢ ἔαρινὰς ἀνατολὰς ἡλίου χρή, ὅπως ἂν θάλπος ἔχῃ χειμῶνος, καὶ θέρους αἱ αὖραι αὐταῖς ἐπιπνέουσαι ἀναπαύωσιν αὐτάς. (2) ὕδωρ δὲ κρατίστον σμῆνεσι, τὸ διὰ τραχείας ῥέον ψηφίδος, ἀδιάφθορον τε καὶ ἀθόλωτον· ὑγιείας τε γὰρ καὶ καθαροῦ μέλιτος ποιητικόν. (3) χρή δὲ ἐνιστάναι σπιλάδας πέτρας, καὶ ξύλα μικρὸν ὑπερέχοντα τοῦ ὕδατος, ἵνα ἐφιζάνουσαι πίνωσιν ἀμογητί. (4) εἰ δὲ μὴ εἴη ῥέον ἀπὸ τῆς γῆς ὕδωρ, ἐκ φρέατος ὕδωρ ἐπαντλεῖν εἰς καθαρὸν ληνοῦς ἢ κρήνας. ἔστωσαν δὲ αὐταὶ πλησίον τῶν μελισσῶν, ὅπως ὑδροφοροῦσαι μὴ κάμνωσι. (5) νομῆ δὲ θύμου μάλιστα χαίρουσι, καὶ ἀφθόνως τούτου νεμόμεναι, μέλι τε πλεῖστον φέρουσι, καὶ σμῆνη τίκτουσιν. (6) ἐλελίσφακόν τε καὶ θύμβρα καὶ κύτισσον ἥδιστα μελισσῶν τροφαί, τὰ τε νέα σμῆνη προσοζάνει κυτίσσω μάλιστα, καὶ ἀπ' αὐτοῦ λαμβάνεται ἀπονώτερον. (7) κατακλείσεις δέ, τουτέστιν ἀγγεῖα πρὸς ὑποδοχὴν ἄριστα τὰ ἐκ σανίδων ὀξείνων ἢ σικίνων· ὁμοίως δὲ καὶ τὰ ἐκ πιτυίνων ἢ φηγίνων. εὖρος δὲ ἔστω πηχυαῖον, καὶ μῆκος δίπηχυ. (8) κεχρίσθω δὲ ἔξωθεν κονίας καὶ βολβίτου φυράματι· ἦττον γὰρ ἂν σαπεῖη. τρυπᾶν δὲ αὐτὰ χρή πλάγια, ὅπως οἱ ἄνεμοι ἡρέμα εἰσπνέοντες τὰς τε ἀράχνας αὐτῶν καὶ τὰ εὐρωτιῶντα ξηραίνωσι καὶ διαψύχωσι. (9) Χαίρει δὲ ἐρημία μάλιστα τὸ ζῶον, καὶ ἄχθεται ἀνθρώπων ἐπιφοιτήσῃ. ὅθεν χρή ἐσμοφύλακα θριγκίον περιοικοδομῆσαι ἐξ ἀραιῶν λίθων, ἵνα αὐταὶ διὰ τῶν ὀπῶν εἰσπετόμεναι, τοὺς τε ἐπιβουλεύοντας ὄρνις, καὶ τὴν δρόσον δύνωνται διαφυγεῖν. (10) φιλοῦσι δὲ τὰς συνθήεις νομάς, καὶ ἐπὶ ξένας μονὰς οὐκ ἂν ἐκοῦσαι ἔλθοιεν· διόπερ κατὰ χώραν αὐτάς δεῖ φυλάττειν. (11) εἰ δὲ πριαμένῳ τινί, ἢ κατ' ἄλλην αἰτίαν, μετακομίζῃ ἀνάγκη γένοιτο, νυκτὸς καὶ ἡρέμα, καὶ δέρμασι τὰ ἀγγεῖα περιδήσας, αἰρέτω πρὸ ἡμέρας. λαθῶν γὰρ οὔτε τὰ κηρία τaráξεις, οὔτε τὰ ζῶα ἀνιάσεις. (12) Τιθύμαλλον δὲ νεμηθεῖσαι, τοῦ τε ὀποῦ γευσάμεναι, διάρρροϊαν νοσοῦσι. διὸ δεῖ ἀφανίζῃν καὶ ἐκτίλλῃν τὸν ἐγγὺς πεφυκότα, αὐτάς τε ἰᾶσθαι, ῥοιᾶς τοῦ καρποῦ τὴν σκέπην, τουτέστι τὸ κέλυφος, κόψαντα, καὶ διὰ λεπτοῦ κοσκίνου σήσαντα... μετὰ μέλιτος καὶ οἴνου αὐστηροῦ φυράσαντα. (13) φθειριώσας δὲ ἰάση κλῶνας μηλέας καὶ ἐρινεοῦ καίων καὶ καπνίζων. ἀμβλυωπίαν δὲ νοσοῦσας ἰάση καπνῶ φύλλων ὀριγάνου. (14) ὥσπερ δὲ αἱ βουγονεῖς μιᾶ καὶ εἰκοστῇ ἡμέρᾳ ζωογονοῦνται οὕτως καὶ οἱ ἐσμοὶ αὐξάνονται ταῖς ἴσαις ἡμέραις. (15) Οἱ δὲ βασιλεῖς ἐν ἄκροις τοῖς κηρίοις εὐρίσκονται. χρή δὲ ἐκάστῳ σμηνίῳ ἓνα ἀπολείποντα, τοὺς λοιποὺς ἀφανίζῃν. συνιστάμεναι γὰρ πρὸς ἕκαστον αἱ μέλισσαι στασιάζουσι, καὶ τῶν ἔργων ἀφίστανται. (16) τῶν δὲ βασιλέων οἱ μὲν ἄριστοὶ εἰσι τῇ χροιά ξανθοί, μέγεθος ἡμιόλιον μελίσης. οἱ δὲ δεύτεροὶ ποικίλοι, ὀλίγον ὑπομελαίνοντες, μέγεθος διπλάσιον. (17) Ἐκ δὲ τοῦ χωρίου τιθύμαλλον, καὶ ἐλλέβορον, καὶ θαψίαν, καὶ ἀψίνθιον, καὶ ἀγρίαν συκῆν ἐξαιρεῖν χρή, καὶ πάντα τὰ τὴν μέλισσαν φθείροντα· ἀλλὰ μὴν καὶ τὸ μέλι φαῦλον ἐργάζονται ἀπὸ τούτων μεταλαμβάνουσαι. (18) Καὶ τὰ ἐπιβουλεύοντα δὲ αὐταῖς οὕτω διαφθερεῖς (εἰσι δὲ ταῦτα σφήκες, αἰγίθαλλοι, μέροπες, χελιδόνες, κροκόδειλοι, σαῦραι)... καὶ πάντα τὰ τὴν μέλισσαν φθείροντα ἀποσώβει καὶ ἀναίρει. (19) πρὸς πάντα δὲ τοὺς προσιόντας ἀνθρώπους δυσχεραίνουσαι, καὶ ἐπ' αὐτοὺς ὀρμῶσαι, χαλεπώτερά εἰσι τοῖς οἴνου καὶ μύρου ὄζουσι· καὶ γυναιξὶ δὲ ἐπέρχονται, μάλιστα ταῖς ἡφροδισιασμέναις. (20) κεχρίσθω δὲ τὰ ἀγγεῖα, ἐν οἷς αἱ μέλισσαι, ἢ θύμου ἢ λεύκης ἄνθεσιν ἐπιμελῶς. μάλιστα δέ,

ἵνα ἀγαπῶσι τὰς οἰκήσεις καὶ ἐμμένοιεν, ἢ νάρδου βοτάνης καὶ σμύρνης τὸ ἴσον ὁμοῦ λειάνας, τετραπλοῦν τε μέλιτος συμμίξας τούτοις, χρίσεις τὰ ἀγγεῖα. (21) Ἰόβας δὲ ὁ βασιλεὺς Λιβύων ἐν λάρνακι ξυλίνη φησὶ δεῖν ποιεῖσθαι μελίσσας· καὶ Δημόκριτος καὶ Βάρων, ἐν Ῥωμαίᾳ γλώσση, ἐν οἴκῳ φασὶ χρή ποιεῖσθαι, ὅπερ ἐστὶ καὶ ἄμεινον. (22) Ὁ δὲ τρόπος οὗτος. οἶκός σοι ἔστω ὑψηλός, δεκαπηχυαῖος, καὶ εὖρος πηχῶν ἰ καὶ ταῖς λοιπαῖς πλευραῖς ἴσος. εἴσοδος δὲ εἰς αὐτὸν περιποιεῖσθω μία, καὶ θυρίδες τέσσαρες, ἐν ἐκάστῳ τοίχῳ μία. (23) εἰς τοῦτον ἀγαγὼν βοῦν τριακοντάμηνον, εὖσαρκον, λιπαρὸν μάλιστα, περίστησον αὐτῷ νεανίας πολλούς, καὶ τυπτέτωσαν αὐτὸν ἰσχυρῶς, καὶ τύπτοντες αὐτὸν ῥοπάλοις ἀποκτεινάτωσαν, ὁμοῦ ταῖς σαρκὶ τὰ ὀστέα συναλοῦντες. (24) φυλακὴν ἐχέτωσαν, τὸ μὴ αἵμαξαι τι τοῦ βοός (οὐ γὰρ ἂν ἐξ αἵματος κηθεῖη ἢ μέλισσα), ταῖς δὲ πρώταις πληγαῖς μὴ βιαίως ἐμπεσόντες. (25) Εὐθύς δὲ ἀποπεφράχθω πᾶς τοῦ βοός πόρος ὀθόναϊς καθαραῖς καὶ λεπταῖς πίσση κεχρισμέναις· οἶον ὄμματα, καὶ ῥῖνες, καὶ στόμα, καὶ ὅσα τῇ φύσει πεποιήται εἰς κένωσιν ἀναγκαίαν. (26) ἔπειτα θύμον ὑποστρώσαντες πολύν, καὶ ὑπτιον ἐπ' αὐτοῦ καταθέντες τὸν βοῦν, ἐξελθόντες τοῦ οἴκου εὐθύς τὴν θύραν καὶ τὰς θυρίδας ἐπίχρισάτωσαν πηλῶ στεγανῶ, ὡς μήτε ἀέρι, μήτε ἀνέμῳ, μηδ' ἦντιν' οὖν εἴσδυσιν ἢ διάπνευσιν εἶναι. (27) Τρίτη δὲ ἐβδομάδι χρή πάντοθεν ἐξανοίξαντα εἰσεᾶσαι φῶς τε καὶ ἀέρα καθαρὸν, πλὴν ὀπόθεν ἂν καθίη σφοδρὸν πνεῦμα· εἰ γὰρ ὧδε ἔχοι, τὴν κατὰ τοῦτο εἴσοδον κεκλεισμένην χρή εᾶσαι. (28) ἐπὰν δὲ δόξωσιν ἐμψυχῶσθαι αἱ ὕλαι πνεῦμα αὐταρκες ἐπισπασάμεναι, αὔθις χρή συγκλεῖσαι τῷ πηλῶ κατὰ τὴν προτέραν χρίσιν. (29) ἐνδεκάτη δὲ μετὰ ταύτην ἡμέρᾳ ἀνοίξας εὐρήσεις πλήρη μελισσῶν βοτρυδὸν ἐπ' ἀλλήλαις συνηγμένων, καὶ τοῦ βοός λειπόμενα τὰ κέρατα καὶ τὰ ὀστᾶ, καὶ τὰς τρίχας, ἄλλο δὲ μηδέν. (30) φασὶ δὲ, ἐκ τοῦ ἐγκφάλου μὲν γίνεσθαι τοὺς βασιλέας, ἐκ δὲ τῶν σαρκῶν τὰς ἄλλας μελίσσας· γίνεσθαι δὲ καὶ ἐκ τοῦ νωτιαίου μυελοῦ βασιλέας· κρατιστεύειν μέντοι τοὺς ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου μεγέθει τε, καὶ κάλλει, καὶ ῥώμῃ τῶν ἄλλων. (31) τὴν δὲ πρώτην τροπὴν καὶ μεταβολὴν τῶν σαρκῶν εἰς ζῶα, καὶ οἶονεὶ κῆσις τινὰ καὶ γένεσιν, καθιστορήσεις ἐντεῦθεν. (32) ἀνεωγμένου γὰρ τοῦ οἴκου, μικρὰ καὶ λευκὰ τὸ εἶδος, καὶ ἀλλήλοις ὅμοια, καὶ οὐ τέλεια, οὔτε ἤδη πάντῃ ζῶα περὶ τὸν μόσχον πληθύνοντα ὅψει· ἀκίνητα μὲν πάντα, κατὰ μικρὸν δὲ αὐξανόμενα. (33) ἴδιος δ' ἂν καὶ τὴν πτεροφύησιν ἤδη διαρθρουμένην, τὴν τε οἰκίαν χροιάν λαμβανούσας, περικαθεστῶσας δὲ τὸν βασιλέα, καὶ προσπετασθείσας, βραχύτερον δέ, καὶ ὑποτρεμούσας ταῖς πτέρυξι, διὰ τὴν ἀήθειαν τῆς πτήσεως, καὶ τὴν τῶν μελῶν ἀτονίαν. (34) Προσιζάνουσι δὲ ταῖς θυρίσι ῥοιζηδόν, ὠθοῦσαι καὶ βιαζόμεναι ἀλλήλας, πόθῳ τοῦ φωτός. (35) ἄμεινον δὲ τὰς ἀνοίξεις καὶ ἀποφράξεις τῶν θυρίδων, καθὼς εἴρηται, παρ' ἡμέραν ποιεῖσθαι. (36) δέος γὰρ μὴ μεταβάλλοντα ἤδη τὴν τῶν μελισσῶν φύσιν, διὰ τὴν πλείω σύγκλεισιν οὐ σπάσαντα κατὰ καιρὸν τὸν ἀέρα, ὥσπερ πνιγμῶ διόλγηται. (37) Τοῦ δὲ οἴκου ὁ μελισσῶν ἐγγύς ἔστω, καὶ ὅταν ἐκπετασθῶσιν ἀνοιγομέναις ταῖς θυρίσιν ὑποθυμία θύμου τε καὶ κνεώρου. (38) τῇ γὰρ ὁσμῇ ἐλκύσεις αὐτὰς εἰς τὸν μελισσῶνα, τεθεραπευμένας ὀσμαῖς ἀνθῶν· καὶ θυμιῶν οὐκ ἀκούσας εἰσελάσεις. χαίρουσι γὰρ μέλιτται τῇ εὐωδίᾳ καὶ ἀνθεσιν, εἰκόσιν εἶναι μέλιτος δημιουργοῖς.

## 2. Tradução

*Sobre as abelhas e como se pode gerá-las a partir de um boi, o que se chama bugonia.*

De Florentino.<sup>5</sup>

(1) O lugar em que as abelhas devem estar precisa ser voltado para o nascer do sol de inverno ou de primavera, a fim de que elas tenham calor durante o inverno e que ventos de verão soprando sobre elas as refresquem. (2) A melhor água para o enxame é aquela que corre por ásperos seixos, pura e límpida, produzindo, assim, abelhas saudáveis e mel puro. (3) É necessário colocar pedras marinhas e madeiras emergindo um pouco da água para que, ao pousar, possam beber sem fadiga. (4) Se não houver água corrente jorrando da terra, derrame água de um poço sobre lagares límpidos ou reservatórios, e que eles estejam próximos das abelhas para que elas não se cansem levando água. (5) Elas se agradam muito com a abundância de tomilho<sup>6</sup> e, compartilhando dele sem inveja<sup>7</sup>, produzem muito mel e geram enxames. (6) Sálvia<sup>8</sup>, segurelha<sup>9</sup> e codesso<sup>10</sup> são os alimentos mais agradáveis às abelhas, novos enxames se adaptam melhor ao codesso e dele tiram proveito sem grandes penas. (7) As melhores melgueiras,<sup>11</sup> isto é, os receptáculos para a acolhida [das abelhas] são

<sup>5</sup> Sobre Florentino, sabemos (cf. JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971; verbete “*Florentinus 2*”) que foi provavelmente nativo da cidade Trier. Provavelmente ocupou a função de estenógrafo entre 379-80 d.C., questor por volta de 395 d.C., e *Praefectus Urbis Romae* entre 395 d.C. e 397 d.C., tendo por fim sido substituído no cargo por Lampádio. Teria se afastado das funções públicas para viver o restante da vida na Gália. Teve dois irmãos, Minérvio e Protádio, e um filho também chamado Minérvio. Cláudio dedicou a Florentino o segundo livro de *De Raptu Proserpinae*, “Do Rapto de Prosérpina.” Notabilizou-se na função de *Praefectus* por sua ação quando da deserção de Gildo, filho do rei Nubel, da Mauritânia (cf. JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971; verbete “*Gildo*”), pelo lado ocidental do império. A querela contra o governo central, em 397 d.C., fez com que o abastecimento de grãos ficasse comprometido em Roma. Apesar da fome, Florentino soube administrar e manter a cidade em paz (PAULY; WISSOWA, 1910, 6.2, 2755).

<sup>6</sup> Em grego, θύμος, timo, tomilho.

<sup>7</sup> O advérbio ἀφθόνως, “sem inveja”, reforça a ideia da abundância de tomilho, ou seja, por haver grande uma grande quantidade de tomilho, as abelhas não invejam. Ademais, essa ideia negativa acentua outras presentes no texto (ἀμογητί, “sem fadiga”, e μὴ κάμνωσι, “que não se cansem”, ἀπονώτερον, “sem grandes penas”). Em conjunto, as negativas constroem uma ambientação ideal para as abelhas.

<sup>8</sup> Para o grego ἐλελίσφακον.

<sup>9</sup> Segurelha (para o grego θύμβρα): designação das plantas da família das labiadas; erva anual (*Satureja hortensis*) nativa da Europa, com propriedades estimulantes e antiespasmódicas; caracterizada por ramos cobertos de pelos brancos, folhas lineares, lanceoladas, aromáticas e de sabor picante, usada como condimento, flores brancas ou avermelhadas, em corimbos, e aquênios ovoides; também chamada alfavaca-do-campo; mesmo que tomilho (*Thymus vulgaris*) (cf. HOUAISS, 2009).

<sup>10</sup> Codesso (para o grego κύττισσον): designação comum a várias árvores e arbustos dos gêneros *Cytisus* e *Adenocarpus* e especialmente a um arbusto do gênero *Laburnum*, todos de uma mesma tribo da família das leguminosas; nativo da Europa, melífero, com folhas trifolioladas, flores amareladas e vagens achatadas e sinuosas.

<sup>11</sup> Melgueira (para o grego κατὰ κλεισις): cortiços com favos de mel.

as feitas de tábuas de faia<sup>12</sup> ou figueira; e igualmente o são as feitas da madeira de pinho ou de azinheira. A largura deve ser de um côvado e a extensão de dois. (8) Deve ser untada externamente com uma pasta<sup>13</sup> de areia e esterco, e desse modo possa estragar menos. É preciso perfurá-las transversalmente para que os ventos que sopram levemente no interior sequem e exponham ao ar as teias de aranhas e os bolores. (9) Esses animais agradam-se principalmente no isolamento e sofrem com a intervenção dos homens. Por essa razão, é preciso que o apicultor<sup>14</sup> construa em redor um pequeno muro feito de pedras delgadas para que as abelhas ao voar através dos buracos possam escapar das aves que as perseguem e do orvalho. (10) Elas gostam de suas pastagens costumeiras e para pousos estranhos não devem ir facilmente: justamente por isso é necessário conservá-las em seu lugar. (11) Se ao ser comprada por alguém ou, por outra razão, for necessário transportar de lugar, na noite e com calma, o apicultor, amarrando as melgueiras<sup>15</sup> com couro, deve manusear tudo antes do dia, fazendo de maneira reservada, sem agitar os favos e sem estressar os animais. (12) Ao comerem a eufórbia,<sup>16</sup> provando do sumo, elas sofrem de diarreia; por isso é preciso eliminar e arrancar a [eufórbia] crescida próxima a elas, e remediá-las com uma proteção do fruto da romã, isto é, uma capa<sup>17</sup>, depois de moída e coada em fina peneira [...] e misturada com mel e vinho seco. (13) Uma vez, porém, o enxame adoecido, irás curá-lo queimando e defumando rebentos de macieira e figueira selvagem. Se doentes da visão, irás curá-las com a fumaça das folhas do orígano.<sup>18</sup> (14) Da mesma maneira que as nascidas de um boi<sup>19</sup> são geradas em vinte e um dias, assim os enxames se reproduzem no mesmo número de dias. (15) As rainhas<sup>20</sup> se encontram no interior dos favos de mel. É necessário que em cada colmeia, mesmo pequena, se deixe apenas uma e elimine as demais. Colocadas juntas com mais de uma rainha, as abelhas entram em discórdia e se afastam dos trabalhos. (16) As melhores dentre as

<sup>12</sup> Para o grego ὀξεῖνος (ὀξέα, ὀξύινος), cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996: ὀξέα ou ὀξύη: *fagus siluatica*, faia.

<sup>13</sup> κονίας καὶ βολβίτου φυράματι: cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996: φύραμα, “massa”, “pasta”; βόλβιτον ou βόλβιτος corruptelas da forma masculina βόλιτος, “esterco de vaca”.

<sup>14</sup> Em grego, ἔσμοφύλαξ, o protetor do enxame.

<sup>15</sup> Em grego, ἀγγεῖα. Cf. 15.2.7.

<sup>16</sup> Em grego, τιθύμαλλος (*Euphorbia Peplus*), a eufórbia, designação comum às plantas do gênero *Euphorbia*, da família das euforbiáceas (HOUAISS, 2009), para o inglês *spurge*, caracterizada por um sumo leitoso acre com propriedades purgativas ou medicinais (cf. *Oxford English Dictionary (OED)*).

<sup>17</sup> Em grego, κέλυφος, cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, falando de frutas, “revestimento, invólucro, capa”.

<sup>18</sup> Em grego, ὀρίγανος(ή), orígano, designação comum às plantas do gênero *origanum*, da família das labiadas nativas da Europa, da Ásia e do Mediterrâneo; a espécie mais conhecida é o orégano (HOUAISS, 2009).

<sup>19</sup> Em grego, αἰβουγονεῖς.

<sup>20</sup> Em grego, οἰβασιλεῖς, masculino. Entre os antigos, a crença era de que um macho da espécie regia a colmeia.

rainhas são as de pelos dourados, de tamanho uma vez e meia de uma abelha comum; as segundas melhores são as de cores variadas, de tom enegrecido, o dobro do tamanho. (17) A eufórbia, o heléboro,<sup>21</sup> a tápsia,<sup>22</sup> o absinto<sup>23</sup> e a figueira selvagem<sup>24</sup> devem ser retiradas do lugar, e tudo o que possa destruir as abelhas. Na verdade, convivendo com essas coisas, elas produzem um mel inferior. (18) Da mesma maneira, deverás destruir os animais que as ameaçam (são eles: as vespas, os abelheiros, os abelharucos, as andorinhas, lagartos<sup>25</sup> e salamandras) [...] e todas as coisas que são perniciosas, que afugentam e que destroem as abelhas. (19) Por dificilmente suportar a aproximação dos homens e avançar contra eles, são mais severas para com eles quando exalam cheiro de vinho e de perfume; atacam as mulheres principalmente as que acabaram de ter relações sexuais. (20) As melgueiras, onde ficam as abelhas, devem ser besuntadas cuidadosamente com flores de tomilho ou de choupo-branco.<sup>26</sup> E para que elas, sobretudo, gostem de suas moradas e queiram permanecer nelas, deverás, de igual maneira, amaciar a mesma proporção de forragem de nardo<sup>27</sup> e mirra e, misturando a eles quatro vez a quantidade de mel, besuntarás as melgueiras. (21) Juba, rei a Líbia, diz ser possível produzir abelhas em um baú de madeira; Demócrito e Varrão,<sup>28</sup> em latim, dizem ser possível produzir em um cômodo, o que é ainda melhor. (22) A instrução é a seguinte: o cômodo deve ser alto, de dez côvados, a largura também de dez côvados e os lados na mesma medida. Uma única entrada deve ser construída e quatro janelas, uma em cada lado. (23) Para lá levando um boi de trinta meses de boa aparência, bem gordo. Deves cercá-lo com muitos jovens, e eles devem bater nele fortemente com maças e devem matá-lo, esmagando os ossos juntamente com a carne. (24) Eles devem estar atentos para não deixar sangrar alguma parte do boi (pois a abelha não pode ser concebida do sangue), nem cair violentamente com os primeiros golpes. (25) Cada orifício do boi deve ser imediatamente obstruído com tecidos

<sup>21</sup> Em grego, ἑλλέβορος (no dialeto ático ἑλλ-), heléboro, erva do gênero *helleborus*, da família das ranunculáceas, muito venenosa, e nativa da Europa, Mediterrâneo e Ásia (HOUAISS, 2009). Em inglês, *hellebore*, nome dado pelos antigos a plantas de propriedades venenosa e medicinais e famosas para doenças mentais (OED).

<sup>22</sup> Em grego, θάψια, a tápsia, planta do gênero *thapsia* da família das umbelíferas, nativas do Mediterrâneo. Em inglês, *deadly carrot* (cf. OED).

<sup>23</sup> Em grego, ἀψίνθιον, *Artemisia absinthium*, erva aromática nativa da Europa; das raízes e folhas se extrai um óleo volátil tóxico com ação sobre o sistema nervoso (HOUAISS, 2009).

<sup>24</sup> Em grego, ἄγριουσκῆ. Pelo menos uma versão antiga do texto traz “ἄγριονσίκυον”, “pepino selvagem” (cf. Paládio 1.37.5).

<sup>25</sup> Em grego, κροκόδειλος, cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996 κροκόδιλος, palavra jônica para lagarto.

<sup>26</sup> Em grego, λεύκη, choupo-branco, árvore (*Populusalba*) da família das salicáceas, nativa da Europa e Ásia, de casca rugosa na base e lisa no ápice, rica em tanino.

<sup>27</sup> Em grego, νάρδος (ρή), nardo, *nardus*, planta da família das gramíneas, nativa da Europa e Oeste da Ásia.

<sup>28</sup> Cf. Varrão 3.16; Columela 9.14.3.



limpos, finos e besuntados com resina:<sup>29</sup> os olhos, as narinas, a boca e outros foram feitos pela natureza para a evacuação necessária. (26) Depois, estendendo bastante tomilho, colocando o boi deitado sobre ele e saindo imediatamente da sede, eles devem untar as portas e as janelas com argila espessa de modo que não haja entrada de ar, de vento, ou saída alguma.<sup>30</sup> (27) Na terceira semana, é preciso deixar entrar luz e ar puro plenamente, exceto por onde o vento passe com mais força: se assim for, é preciso deixar a referida entrada fechada. (28) Quando as matérias<sup>31</sup> parecerem animadas, respirando por conta própria, faz-se necessário novamente fechar com argila conforme a primeira argamassa. (29) No décimo primeiro dia depois deste, ao abrir encontrarás [a sede] repleta de abelhas reunidas umas sobre as outras formando cachos, e os chifres e os ossos restantes do boi, os pelos e nada mais. (30) Dizem que as rainhas nascem do cérebro, e, das carnes, as demais abelhas, e que as rainhas também nascem da medula espinhal, e que, entretanto, as que nascem do cérebro são mais fortes que as demais em tamanho, beleza e vigor. (31) Observarás a primeira mudança e a transformação dos corpos<sup>32</sup> em animais, como se fossem o embrião e o nascimento, a partir desse ponto. (32) Pois, uma vez aberta a sede, verás animais pequenos e brilhantes de aspecto, semelhantes uns aos outros e imperfeitos, ainda não verás animais por toda a parte se aglomerando em torno do vitelo:<sup>33</sup> verás todos imóveis, crescendo aos poucos. (33) Só depois poderás ver uma abelha adquirindo asas, outras tomando a coloração natural, outras rodeando a rainha, outras voando, outras tremulando as asas por causa da inexperiência de voar e da falta de vigor das articulações. (34) Elas se reúnem nas janelas com grande zumbido, empurrando e usando de força umas sobre as outras na busca pela luz. (35) Melhor, então, é que abras e feches as janelas em dias alternados, como foi perguntado. (36) É recomendado, pois, que a natureza das abelhas não seja alterada por conta de um confinamento mais demorado, não tomando ar em tempo, uma vez que o calor sufocante pode matar as abelhas. (37) Que o apiário esteja perto de casa e, quando se espalharem, com as janelas abertas, fumiga o tomilho e o louro.<sup>34</sup> (38) Pois com a fragrância arrastarás as abelhas para o apiário, sendo atraídas pelas fragrâncias das flores, e fumigando as conduzirás para dentro de bom grado. As abelhas, pois,

<sup>29</sup> Em grego, πίσσα, pez ou resina.

<sup>30</sup> Na passagem, μηδ' ἦντιν' οὖν εἴσδυσιν ἢ διάπνευσιν εἶναι... “que não haja entrada ou transpiração alguma...”; para διάπνευσις, cf. *LSJ*, mesmo que διαπνοή, “exalação”, “transpiração”.

<sup>31</sup> Em grego, ὕλη, cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996 III.1. A. S. F. Gow (1944, p. 14) sugere outra emenda ao texto em razão do uso raríssimo da palavra grega ὕλη com o sentido de “matéria” nas *Geopônicas*. Segundo o estudioso, αἱ εὐλαί, “as larvas”, parece a palavra mais apropriada.

<sup>32</sup> Em grego, τῶν σαρκῶν.

<sup>33</sup> Em grego, μόσχος, broto, rebento, filhote [de algum animal], vitelo.

<sup>34</sup> Em grego, κνέωρος(ός), tipo de louro; cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, *spurge-flax* (*Daphne Gnidium*); cf. *OED*, da família da eufórbia. Cf. Plínio 21.9.

regozijam-se com o bom perfume e com as flores, que parecem existir para as fabricantes do mel.

## REFERÊNCIAS

CALLIMACHUS. *Volumen I. Fragmenta*. Edidit R. Pfeiffer. Oxonii: E TypographeoClarendoniano, 1949.

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (Eds). *Brill's New Pauly: encyclopaedia of the Ancient World: Antiquity*. English Edition Christiane F. Salazar et al. Leiden-Boston: Brill, 2003-2010.

CASSIANUS. *Γεωπόνικα: agricultural pursuits*. Vol. II. Trans. by T. Owen. London, 1805.

CASSIANUS. *Geoponica siue Cassiani Bassi Scholastici de re rustica eclogae*. Ed. Henricus Beckh. Stuttgart: Teubner, 1994.

*Oxford English Dictionary [OED] CD-ROM, version 4.0.0.2, 2009.*

GOW, A. S. F. BOYTONIA in *Geoponica XV.2. The Classical Review*. Vol. 58, nº 1, p. 14-15, 1944.

HORNBLLOWER, S; SPAWFORTH, A.; EIDINOW, E. (Eds.). *The Oxford Classical Dictionary*. 4.ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Com a nova ortografia da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JONES, A. H. M; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. *The Prosopography of the Later Roman Empire*. Vol. 1, AD 260-395. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *A Greek-English Lexicon, with a revised supplement*. 9.ed. Oxford: Clarendon, 1996.

MUNIZ, L. Cenas de restauração: a grotesca imagem da bugonia nas *Geórgicas* 4.281-314. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 7, nº 2, p. 17-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/ronai/article/view/28173/19899>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NICANDER. *The Poems and Poetical Fragments*. Ed. with a translation and notes by GOW, A. S. F. & SCHOLFIELD, A. F. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PAULY, A. F., G. WISSOWA *et al.* *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: A. Druckenmüller, 1910.

POWELL, J. U. (Ed.) *Collectanea Alexandrina: reliquiae minores poetarum graecorum aetatis ptolemaicae. 323-146 a.C. Epicorum, elegiacorum, lyricorum, ethicorum*. Chicago: Ares Publisher, 1981.

Data de envio: 02/07/2023

Data de aprovação: 24/10/2023

Data de publicação: 15/12/2023